

MAPAS AFETIVOS: RECURSOS METODOLÓGICOS BASEADOS NA HISTÓRIA ORAL E REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADES ESPACIAIS E TEMPORAIS EM ESTUDO SOCIOLOGICO

AFFECTIVE MAPS: METHODOLOGICAL RESOURCES BASED IN ORAL HISTORY AND REFLECTIONS ABOUT SPATIAL AND TEMPORAL IDENTITIES IN A SOCIOLOGICAL STUDY

Andréa VETTORASSI*

Resumo: O artigo ora apresentado tem o objetivo de refletir sobre metodologias capazes de captar as relações multifacetadas que os trabalhadores migrantes e os grupos que os recebem estabelecem com os tempos e espaços diversos que experimentam. Um novo método de pesquisa para avaliar as identidades temporais e espaciais dos entrevistados foi denominado “mapas afetivos”, recurso que objetivou demonstrar *como* se revelam suas lembranças e de que forma elas são transportadas para o papel em desenhos e em falas a partir da história oral. Sua aplicação demonstrou que há uma ligação estreita entre memória e sentimento de identidade, no sentido de imagem de si, para si e para os outros. Já que a memória e a identidade são avaliadas pelo Outro, estas podem ser disputadas em conflitos sociais, políticos, culturais e intergrupais propiciados nas relações de trabalho e nos espaços/tempos do cotidiano dos entrevistados.

Palavras-chave: História Oral; mapas afetivos; migração; identidades sociais e espaciais.

Abstract: The objective of the article now present is to reflect about methodologies capable of to win the multifaceted relations of the migrant workers and the groups that receive them establish with time and different spaces that they experience. A new research method to evaluate the temporal and spatial identities named "affective maps", a resource that has the objective of showing how their memories reveal themselves and how they are transported to the paper in drawings and their speeches by the oral history. Its application showed that there is a very close connection between memory and identity feeling, in the sense of self-images, to themselves and to the others. Since the memory and identity are evaluated by Other, this can be disputed in social, political, cultural and intergroup conflicts propitiated in work relations and the interviewees's spaces and times of everyday.

Keywords: Oral History; affective maps; migration; space and social identities.

Introdução: Problemática da pesquisa e recursos metodológicos

O estudo vinculado ao artigo exposto teve como principal objetivo analisar os processos identitários e redes sociais de migrantes rurais nordestinos em cidades do interior paulista. Para que isto fosse possível, duas cidades de economia sucroalcooleira que recebem anualmente expressivo número de migrantes rurais nordestinos (sazonais ou permanentes) para o trabalho no corte da cana foram analisadas, a saber, Guariba-SP e

* Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. Docente e pesquisadora na Universidade de Ribeirão Preto. E-mail: andreavettorassi@yahoo.com.br.

Serrana-SP. Embora sustentadas pela mesma economia sucroalcooleira e com número semelhante de habitantes¹, suas figurações sociais são bem diversas, essencialmente em seus aspectos históricos e quando a relação entre os migrantes e a comunidade circundante (que denominamos “nativos”) é analisada. O estudo das duas cidades contou com metodologias diversas, como as entrevistas realizadas com migrantes e “nativos” (inclusive, em São Raimundo Nonato-PI, cidade de origem de muitos trabalhadores rurais no interior paulista) e pesquisas quantitativas.

Da pesquisa descrita acima, pudemos perceber que as redes sociais são fundamentais para os migrantes e são muito fortes entre eles porque em seus locais de origem o Estado não supre todas as necessidades de suas comunidades rurais. Para a garantia de sobrevivência e melhores condições de vida, há uma necessidade muito maior de contar uns com os outros para suprir estas carências. As relações simbólicas (BOURDIEU, 1989) e comunitárias são mais eficazes do que as regras e normas institucionais que estão muito pouco presentes em seus locais de origem. Acostumados com estas estratégias simbólicas de sobrevivência conquistadas a partir das redes sociais, estes migrantes as readequaram em seus locais de destino, onde experimentam o preconceito contra suas redes sociais constantemente criadas em busca de melhores condições de vida². Entretanto, este preconceito que os migrantes sofrem, bem como suas redes sociais e identidades, têm inúmeras particularidades de acordo com a contextualização histórica, política, social e simbólica das cidades receptoras. Assim, o estudo contribuiu para a reflexão sobre as razões dos deslocamentos feitos pelos grupos migrantes, as razões de uma acolhida diferenciada em Serrana-SP e Guariba-SP e, finalmente, procura compreender as redes sociais, as relações pessoais e a organização destes grupos migrantes a partir de dimensões objetivas e subjetivas.

Não obstante, a partir do contato com as dimensões qualitativas da pesquisa, julgamos necessário realizar a colheita de um material que superasse os limites de análise proporcionados pelas impressões que as cidades de destino e origem dos grupos migrantes nos oferecem a partir dos dados quantitativos. Foi por isso que em todos os procedimentos da pesquisa a história oral mostrou-se uma metodologia satisfatória, um procedimento metodológico estreitamente vinculado à metodologia qualitativa e, segundo os autores do livro *Para Abrir as Ciências Sociais* (FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 1996), também a que mais se relaciona às renovações epistemológicas por eles propostas. Estas renovações sugerem uma ligação mais sólida entre ensino, investigação e sociedade, uma maior vinculação entre os investigadores e a realidade a que estão

integrados, assim como uma maior conexão entre os planos políticos, sociais, econômicos e culturais, até então divididos e estanques. Isto porque seus objetivos e procedimentos referem-se a um caráter eminentemente interdisciplinar, proporcionando um referencial teórico complexo e multifacetado. São inúmeras as possibilidades proporcionadas pela história oral, dentre elas o dimensionamento de uma temporalidade múltipla e que não é linear. O passado e o presente se relacionam através das experiências sensoriais dos *entrevistados* e *entrevistadores*. Com estas reflexões em mente, a aplicação de um método de pesquisa, ainda incipiente, denominado “mapas afetivos”, demonstrou ser uma ferramenta inovadora e eficaz na análise dos espaços e tempos tão diversos que identificávamos nos processos e construções identitárias dos entrevistados.

Tempos e Espaços na Construção das Identidades Sociais

Em recente estudo, Brandão (2007) descreve um pouco das diferenças entre as categorias “tempo” e “espaço” nas diversas modalidades de comunidades rurais. Todos os grupos humanos e comunidades são regidos por uma lógica do capital e do trabalho, e o tempo social em diversas regiões e condições é também regido por estes elementos. Os espaços são igualmente influenciados, já que há neles as relações entre os poderes, as propriedades, as classes sociais, todas concernentes ao mundo do trabalho e ao modo de produção capitalista.

Ou seja, não há uma drástica mudança nos espaços e tempos das comunidades rurais, mas sim um processo de adaptação, adequação, tímida proliferação, onde tudo está mudando, mas nada mudou inteiramente. “A pequena unidade camponesa de tradicional agricultura familiar não é marginal à expansão do capital agrário e nem é uma experiência social em extinção. Ao contrário, ela é orgânica e essencial à expansão do capitalismo no campo” (BRANDÃO, 2007, p. 45). Neste sentido, os estudos de Brandão se correlacionam a outros trabalhos, como os de Martins (1975) e Sahlins (1997). Neste último, há uma preocupação em demonstrar que as culturas supostamente em desaparecimento estão, ao contrário, presentes, ativas e se propagando em todas as direções. E que, aliás, o termo cultura jamais perdeu sua validade, contrariando as seguintes perspectivas:

Daí as críticas correntes ao conceito de cultura enquanto tropo ideológico do colonialismo: ela seria um modo intelectual de controle que teria como efeito ‘encarcerar’ os povos periféricos em seus espaços

de sujeição, separando-os permanentemente da metrópole ocidental progressista. Ou, falando de modo mais geral, a ideia antropológica de cultura, por conspirar para a estabilização da diferença, legitimaria as múltiplas desigualdades – inclusive o racismo – inerentes ao funcionamento do capitalismo ocidental (SAHLINS, 1997, p. 43).

Após analisar a ideia antropológica original do termo cultura, Sahlins conclui que:

A associação original da ideia antropológica de cultura com a reflexão sobre a diferença se opunha, portanto, à missão colonizadora que hoje se costuma atribuir ao conceito. Pois o fato é que, em si mesma, a diferença cultural não tem nenhum valor. Tudo depende do que a está tematizando, em relação a que situação histórica mundial. Nas últimas duas décadas, vários povos do planeta têm contraposto conscientemente sua ‘cultura’ às forças do imperialismo ocidental que os vêm afligindo há tanto tempo. A cultura aparece aqui como a antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar sua identidade, como para retomar o controle do próprio destino (1997, p. 45-46).

Novas racionalidades, redes e processos ocorrem entre os grupos migrantes, e é possível que, ao invés de ali haver um escamoteamento de seus modos de vida, de sua cultura, de seus tempos e espaços, bem pelo contrário, ali há processos e códigos utilizados para a preservação e difusão de algumas de suas identidades³. As análises são válidas, mas quais são os preços pagos ao longo destas transformações? Uma das maiores preocupações deste estudo, especialmente a partir das leituras mencionadas, era o de olhar para as relações sociais em que os trabalhadores migrantes estão inseridos de forma estritamente funcionalista⁴, sem salientar as angústias e "fomes" dos trabalhadores entrevistados.

Então, quais são estas “fomes” cada vez mais sentidas pelos trabalhadores rurais migrantes? A pesquisa propiciou o entendimento de que os processos de modernização necessitam do mundo tradicional relacionado aos seus aspectos rurais, mas o mundo tradicional também necessita dos símbolos da modernidade para garantir alguma possibilidade de sobrevivência. Sahlins não foi alheio às desigualdades sofridas na dicotomia do tradicional *versus* moderno, e destacou que está observando apenas as culturas sobreviventes. “Os sobreviventes constituem uma pequena minoria daquelas ordens socioculturais existentes, digamos, no século XV” (SAHLINS, 1997, p. 52). Não podemos, portanto, ter um “otimismo sentimental”, que ignoraria desastres e angústias causados por doenças, violências e escravidão. “Trata-se aqui, ao contrário, de uma reflexão sobre a complexidade desses sofrimentos, sobretudo no caso daquelas

sociedades que souberam extrair, de uma sorte madrastra, suas presentes condições de existência” (SAHLINS, 1997, p. 52).

Talvez, quanto mais são culturas de resistência, menos estão desligadas de suas raízes sociais e econômicas, e isto é perceptível na cultura de migrantes. A cultura assumiu uma variedade de novas configurações, a saber, formas *sincréticas*, *translocais*, *multiculturais*, *neotradicionais* apresentadas por Sahlins. Essas novas configurações são grandes descobertas etnográficas que seu estudo objetiva descrever e ressaltar.

Neste sentido, os depoimentos destes homens e mulheres ouvidos ao longo da pesquisa recriam o passado e o estado atual de seus cotidianos de acordo com elementos do tempo presente e das relações que mantêm com os Outros⁵. São reflexos de uma memória subterrânea, representante de culturas minoritárias e dominadas e que se opõem à “memória oficial” (POLLAK, 1989). São nos espaços e nos lugares por eles lembrados que a tradição se estabelece, pois, embora timidamente e com oscilações e características múltiplas, as redes e a coesão mantêm os elos dos grupos “de fora”. Afinal, nenhuma população se deixa deslocar sem resistência, sem levar consigo parte do que entende por *seu* grupo: as relações existentes entre os espaços e os seres que nele habitam, entre as “pedras e os homens” (HALBWACHS, 1990), não são transpostas e modificadas facilmente, e isto foi também perceptível nas falas dos migrantes entrevistados.

Desta feita, a pesquisa empírica contou com técnicas diversas. Três eixos sustentam o enfoque das entrevistas: As cidades de São Raimundo Nonato-PI, Serrana-SP e Guariba-SP. Quarenta e duas entrevistas gravadas foram realizadas nestas cidades, gerando trezentas e sete páginas de falas transcritas. As entrevistas contavam com questões abertas previamente formuladas, mas que se moldavam de acordo com os rumos proporcionados pelas falas dos agentes⁶ ouvidos.

Nas falas dos entrevistados, em seus gestos e na maneira que nos recebem, encontramos verdadeiras possibilidades de etnografia, da compreensão de seus papéis (sob a perspectiva de Goffman, 2002), das condutas que nos apresentam e das relações que mantêm com os Outros. Constantemente buscamos traçar os laços existentes entre os dados demográficos, históricos e geográficos que tínhamos aos elementos subjetivos possibilitados pelas entrevistas e etnografia. Variados recursos metodológicos explicitaram ainda mais estes laços e evidências e possibilitaram a construção de novos fios nas redes destas trajetórias.

A história oral pode parecer limitada em um sentido, mas envolve algo muito maior em outro. Os limites levantados questionam os “problemas da memória”, seus limites,

falhas e distorções. Entretanto, o que é verdadeiro e falso em uma história, em uma trajetória? Até mesmo em resposta às perguntas mais “factuais” ou “informativas”, os entrevistados *narravam*, contavam histórias sobre suas vidas, reconstruíam seu passado de uma maneira seletiva que tanto o legitimava para o pesquisador quanto o dotava de sentido para o entrevistado.

Por isso, a história oral é uma efetiva história, mas deve ser lida de outra maneira. Pesquisadores como um todo estão cada vez mais conscientes que a história oral em si é tão significativa quanto o seu conteúdo, e não pode ser entendida apenas como uma complementação de informações. A história oral é, afinal, uma maneira de dar voz aos sem voz e capturar neste momento todas as suas subjetividades e fatos mais marcantes. Elas são o tear composto por fios de uma vida pessoal e de um contexto histórico específico.

Mapas Afetivos: Descrição de sua aplicação e possibilidades reflexivas

Ao identificar as nuances e ambiguidades relacionadas aos tempos e espaços das identidades dos trabalhadores entrevistados, objetivamos com os mapas afetivos demonstrar *como* se revelam as lembranças dos entrevistados e de que forma elas são transportadas para o papel. No entanto, é necessário destacar que os desenhos (os mapas afetivos) vêm recebendo inéditas reflexões e abordagens sociológicas⁷, mas já foram amplamente usados em estudos nas áreas da psicologia, psiquiatria e terapia ocupacional. Destacamos dois excepcionais trabalhos, que estão correlacionados: os dos psiquiatras Carl Gustav Jung e Nise da Silveira (2001), que acreditavam que os desenhos e pinturas de seus pacientes representavam a totalidade de um Self compartilhado. As imagens revelavam o interior dos indivíduos que as produziam, e a análise destas imagens trazia à luz dimensões e mistérios dos processos do inconsciente.

Nas falas e desenhos dos entrevistados, muitos são os *lugares da memória* preservados em suas lembranças. De acordo com Nora (1985 apud POLLAK, 1989, p. 4), lugares da memória são os patrimônios arquitetônicos, os monumentos e seus estilos, que nos acompanham por toda a vida. Os lugares da memória são também as tradições e costumes, as regras de interação, o folclore e a música e até mesmo as tradições culinárias. Ou seja, são os diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que se inserem na memória da coletividade a que pertencemos.

Os mapas afetivos evidenciam com ainda mais intensidade os lugares da memória daqueles que os constroem. Para os entrevistados piauienses de Serrana, pedi que “desenhassem Serrana e São Raimundo Nonato”. Quando queriam maiores explicações, esclarecia que eles deveriam desenhar os pontos que mais os marcavam na cidade ou em seu cotidiano. Em frente a eles deixei, à disposição, folhas em branco e uma caixa de lápis de cor. Ao longo de todo o estudo, foram confeccionados dezenove mapas afetivos feitos por dezessete entrevistados⁸. No artigo ora apresentado, analisaremos cinco destes mapas e, mais especificamente, as identidades relacionadas a tempos e espaços neles compostos e rememorados. Gabriela, entrevistada em Serrana e na época com treze anos⁹, fez o seguinte desenho:

Mapa 1: Serrana e São Raimundo Nonato por Gabriela



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2009 em Serrana - SP.

Na margem esquerda do papel, Gabriela desenhou Serrana, com escolas e indústrias. Na margem direita desenhou São Raimundo Nonato, que recentemente havia conhecido. Nele identificou as belezas naturais e as criações de animais, destacadas pelos morros, árvores, borboletas, o céu mais estrelado, as galinhas. Quando perguntei sobre as duas cidades, Gabriela deu o seguinte depoimento:

Você gostou de conhecer São Raimundo?

Gabriela - Ai, eu não sei... Eu não gostei muito de São Raimundo.

Não? Por quê?

Gabriela - Ah, porque lá é muito quente, a cidade é muito suja e... Eu não gostei muito de lá, não.

E por que a cidade é suja?

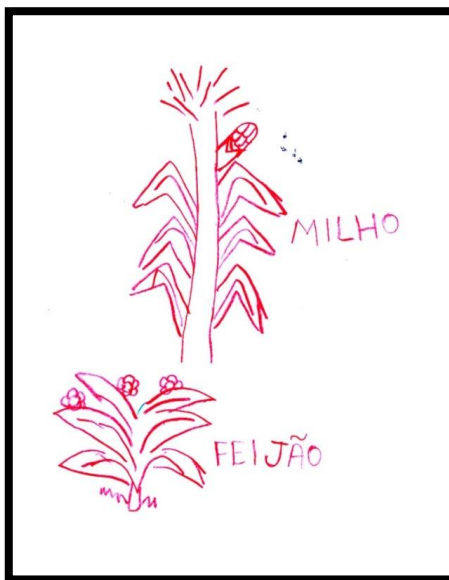
Gabriela - Ai... Tem muito barro lá.
E o que você gostou de lá?
 Gabriela - Ah, eu gostei de lá porque não tem a rotina daqui, não tem muita pressa para fazer as coisas.
O que você achou de mais diferente lá?
 Gabriela - Lá tem porco, galinha, aqui você não vê nada... [risos]. Achei engraçado isso. Lá onde minha mãe mora você não vê carros, você vê animais [...] As pessoas são mais simples, mais calmas. Aqui é todo mundo agitado, nervoso.
Você acha que são os adultos os mais nervosos ou as pessoas com sua idade, seus amigos?
 Gabriela - Ah, adulto e criança. Lá são todas calmas. Parece que aqui as pessoas são mais velhas que lá.
Você acha que as pessoas daqui, mesmo com sua idade, são mais velhas?
 Gabriela - É... Lá tem gente com 15 anos, não parece, parece que tem cara de 10!
E por que você acha que isso acontece, Gabriela?
 Gabriela - Ah, porque aqui é tudo na pressa, tudo rápido, tem que ser tudo na hora marcada, nessa rotina todo mundo vai estressando, lá não. Lá é tudo calmo, ninguém faz o barulho daqui.
É? O que você gosta mais daqui e o que você gosta mais de lá?
 Gabriela - Ah, aqui dá para estudar mais, tem emprego, lá não tem... Aqui dá para ter futuro, lá não dá.
E o que você gostaria de ter de lá?
 Gabriela - Queria que fosse mais perto, para eu poder ir lá no fim de semana [risos].
 [...]
Para você, as pessoas vivem melhor lá ou aqui?
 Gabriela - Hum... Lá vive um pouco melhor.
Se você pudesse, viveria lá?
 Gabriela - Viveria? Ai, não. Só para viajar, mesmo. Só para passear porque lá não tem onde... Para fazer compras, para você estudar, você tem que ir em outra cidade, daqui a uma hora, todo dia. Na roça, é uma hora de viagem para você voltar. É difícil. Eu só quero passear, só.

A fala de Gabriela é composta por contradições. Em alguns momentos destaca a vida “mais calma e sossegada” que seus familiares têm lá. Em contraposição, não gostaria de morar em São Raimundo e destaca na região inúmeras desvantagens, como a sujeira, o calor, a falta de emprego, de escolas, de oportunidades. Gabriela gostaria que São Raimundo fosse perto de sua casa nos finais de semana, porque o associa ao lazer e ao descanso, mas não à escola, ao emprego, às oportunidades que Serrana ofereceu à sua família e que estão evidenciadas em seu desenho.

Valdo e Neusa também confeccionaram seus mapas afetivos em sua casa, na comunidade Barreiro dos Docas¹⁰. Valdo migra para Serrana há mais de vinte anos. Neusa, por sua vez, jamais acompanhou seu marido neste trajeto, pois sua força de trabalho é fundamental na roça de subsistência que a família cultiva no Piauí. Seus mapas afetivos exprimem de forma extremamente simples e esclarecedora suas impressões sobre os

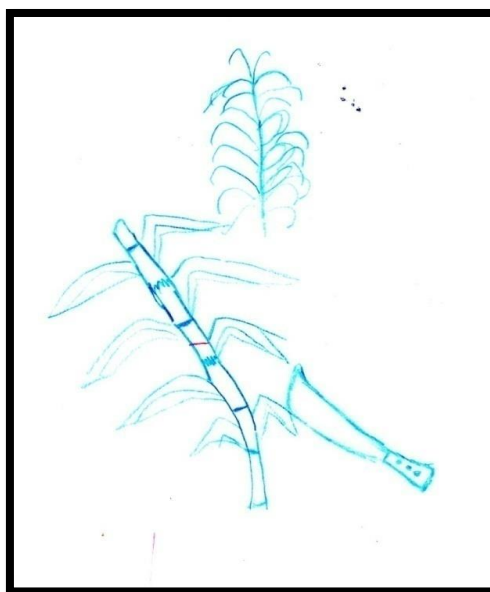
lugares a que pertencem. De acordo com seus depoimentos, Neusa desenhou Barreiro dos Docas e Valdo desenhou Serrana, como podemos observar a seguir:

Mapa 2: Barreiro dos Docas-PI por Neusa



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007 em Barreiro dos Docas - PI.

Mapa 3: Serrana por Valdo



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007 em Barreiro dos Docas - PI.

Estes mapas não poderiam ser mais esclarecedores: Suas identidades estão impreterivelmente relacionadas ao trabalho, e o trabalho na roça de subsistência não é o

mesmo executado no setor sucroalcooleiro. Durante as falas dos trabalhadores rurais entrevistados, fica muito clara esta distinção. Valdo menciona que "lá eu sou cortador de cana, aqui eu sou rural", e outros trabalhadores entrevistados fazem igualmente esta diferenciação, que explicita que não eles interpretam ambos como representantes do universo rural. Em sua roça de subsistência, o trabalho não é remunerado e é feito com bases na alimentação de sua família. Há algumas décadas não é possível para Valdo viver especificamente deste trabalho, por isso a necessidade de inserção aos modos de produção capitalista. Mesmo exercendo um trabalho fundamentalmente rural, Valdo não o associa ao campo porque o corte da cana remunerado "[...] é feito na terra dos outros, e ninguém come cana" (segundo seu depoimento). Ademais, há uma relação de dependência entre os dois espaços, um só pode ser executado unido ao outro. O cortador de cana dificilmente muda de vida ao migrar: A migração se tornou necessária e mantenedora de sua identidade de trabalhador até mesmo em suas terras de origem.

Há uma ligação muito estreita entre memória e sentimento de identidade. Identidade no sentido da imagem de si, para si e para os outros.

Ninguém pode construir uma imagem de si isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros [...] Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1989, p. 204).

Já que a memória e a identidade são avaliadas pelo Outro, estas podem ser disputadas em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente conflitos que opõem grupos políticos diversos. Estes grupos diversos se destacam nos mapas, que só poderiam ser *afetivos* porque revelam as marcas que mais afetam e afetaram a vida dos depoentes que os construíram. A memória é seletiva e tem uma base espacial (HALBWACHS, 1990). Ou seja, o tempo rememorado é construído de acordo com os espaços, que são singulares para cada indivíduo e revelados nos mapas afetivos. A casa, a rua, as plantas, o multicolorido ou o monocromático são as essências imediatas das pessoas e dos grupos a que elas pertencem:

Em um nível mais geral, também as comunidades adotam narrativas que servem para inculcar e confirmar sua integridade e coerência com o passar do tempo. Essas histórias da comunidade são criadas e aceitas pelos participantes em um processo constante de negociação entre diferentes versões. Isso indica a função essencialmente prática desse tipo de relato narrativo, servindo para aproximar a comunidade e possibilitando que esta formule ações, no presente e no futuro, baseadas

em um entendimento comum do passado. A ‘memória coletiva’, assim formulada, é construída com base numa variedade de instrumentos: mitos públicos, histórias de fundação, eventos transformadores decisivos, personagens maus e bons, e a divisão do passado no tempo antes e depois de uma ‘era de ouro’ (JAMES, 2004, p. 303).

De acordo com Frederico Menezes, um psiquiatra junguiano, a humanidade é composta de muitos seres e cada um é a expressão de um e muitos aspectos humanos. Essa perspectiva psicológica é chamada de ‘arquetípica’. O termo vem do grego *archai*, padrão. O conceito foi usado por Platão, trazido por Jung para a psicologia, de onde se espalhou para a mitologia e literatura, assumindo até mesmo, na contemporaneidade, um emprego poético. De acordo com a perspectiva arquetípica, para estudarmos a natureza humana, precisamos antes de qualquer coisa verificar sua mitologia, religião, arte, arquitetura, épicos, drama e rituais. É nestes aspectos mais básicos de sua cultura que os padrões *archai* estão representados.

Para a Psicologia Arquetípica, o ‘arquétipo’ é sempre fenomênico, sendo o discurso metafórico dos mitos um exemplo. Esses padrões arquetípicos são a matéria-prima dos sonhos, costumes sociais e, como já foi dito, das expressões criativas. Manifestam-se espontaneamente nas chamadas perturbações mentais (MENEZES, F. L., 2007, p. 107).

Na condição de socióloga, correlaciono os arquétipos, no plano da psicanálise, àqueles elementos frequentemente estudados pela Sociologia e História e comumente presentes entre seus principais objetivos, métodos e objetos. Os arquétipos podem ser relacionados aos fatos sociais de Durkheim, embora sejam representados de forma mais subjetiva e simbólica. Ou seja, os arquétipos, no plano simbólico, são as manifestações individuais daqueles fatos sociais que constituem suas identidades. Nesse sentido, acreditamos que os *lugares da memória* de Nora parecem evidenciar de forma mais substancial as particularidades dos mapas afetivos aqui apresentados, já que os arquétipos de Jung refletem sobre categorias estruturalistas que o presente trabalho não tem a pretensão de esmiuçar.

Nas falas e desenhos dos entrevistados, muitos são os lugares da memória preservados em suas lembranças, ou seja, os diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que se inserem na memória da coletividade a que pertencemos. De acordo com Dancini, a memória tem o seguinte papel:

A memória realiza a mágica da unidualidade – o mesmo e o diferente num só universo turbilhonar. É vista, portanto, como inventiva plural

ancorada no presente, na eternidade do instante. Nessa medida retém o espírito do grupo. Apresenta-se como ‘húmus’ de sociabilidade do grupo. É o solo onde o enraizamento do grupo acontece. Daí seu caráter de resistência, de reduto (1998, p. 16).

Em sua tese de Doutorado, Dancini destacou a categoria “pessoa”, que ao contrário de sujeito, indivíduo ou cidadão, busca deixar clara uma unidade múltipla, composta por objetividades e subjetividades. Além disso, conclui que o trabalho em si massacra os homens, e a ciência segue empenhada nesse massacre, na medida em que reduz as pessoas a só trabalhadores, seres solitários, amargos e pobres (DANCINI, 1998, p. 482). Seu objetivo foi o de evidenciar outros elementos identitários de uma “pessoa” que não só é um trabalhador rural, mas é também um ser social imbricado em fantasias e em múltiplas realidades:

É como se, num sonho, não houvesse uma dobra entre a epiderme e a imagem que o cérebro traça os contornos e atesta existência. Como se não houvesse nenhuma fenda ligando interioridade/exterioridade. O suposto é, portanto, que a realidade contém muitas e diversas realidades, constitui-se como um viveiro que não comporta hierarquias e excludências. Tudo isso implica dizer, ainda, que para além do material há o simbólico ou que o material comporta espíritos, sustenta no seu corpo objetivo outros corpos sutis, perfurações por onde viaja, transita, aconchega-se uma materialidade outra (DANCINI, 1998, p. 480).

A autora acredita que os mitos, as fantasias e as memórias nunca são reacionários. Muitas vezes há neles a passividade, a fascinação, mas eles também supõem voos e desassossegam a obediência dos cortadores de cana. Os mapas afetivos evidenciam com ainda mais intensidade os lugares da memória, os mitos e as fantasias daqueles que os constroem.

É sempre conveniente distinguir as redes sociais das redes migratórias, as primeiras preexistindo e por vezes alimentando as segundas. Isso significa afirmar que os mapas mentais dos que pensam em emigrar são diferentes dos mapas geográficos. Locais em outro continente, mas com parentes e empregos, podem ser emocional e materialmente próximos, enquanto espaços sociais vizinhos, mas sobre os quais não se tem muitas referências podem parecer muito distantes. Os emigrantes potenciais preferem informação e, sempre que possível, de confiança (TRUZZI, 2008, p. 207).

Diante da afirmação acima, é de se esperar que nos mapas afetivos as dimensões espaciais e temporais se apresentem de formas diversas. São perceptíveis as diferenças

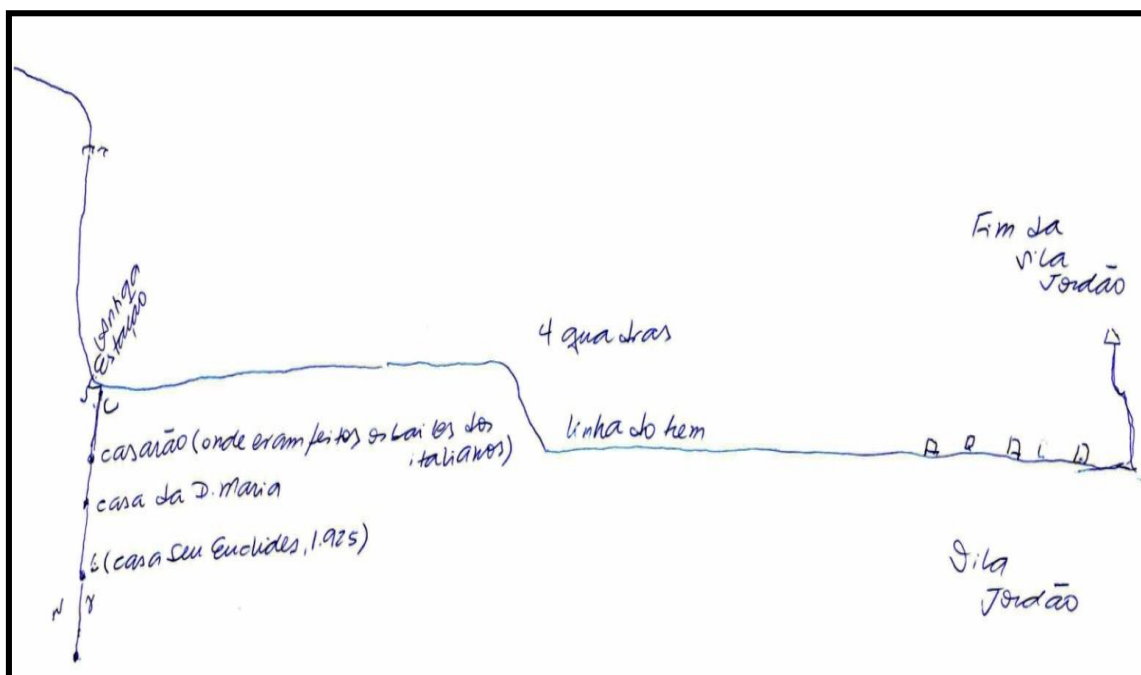
geracionais, já que os entrevistados mais idosos comumente representam em seus mapas aquelas esferas da vida privada. Nos estudos feitos ao longo do Mestrado (VETTORASSI, 2006), também percebemos as diferenças de gênero entre os mapas, já que as mulheres desenhavam suas casas e os homens desenhavam as ruas, praças e instituições de seu bairro ou cidade. Entretanto, as diferenças que mais se destacam nos desenhos são entre os moradores de Serrana e de Guariba. Pudemos observar o quanto as especificidades espaciais e temporais nos desenhos dos moradores de Guariba e Serrana vão ao encontro das reflexões que fizemos sobre suas redes sociais e sobre as relações existentes entre “nativos e de fora”. Contrastando tempos e espaços diversos, muitos dos mapas afetivos demonstram que ambos (tempo e espaço) se apresentam instavelmente quando relacionados à memória. Isto porque o tempo não é um meio estável, como uma linha reta e exata, onde se desdobram todos os fenômenos humanos. Ademais, os espaços contêm, além de físicos, muitos lugares simbólicos, onde as lembranças mais profundas se recriam constantemente. A partir da instabilidade presente no tempo e no espaço, é que a memória não segue a cronologia da História porque possui e evidencia marcas profundamente pessoais (HALBWACHS, 1990).

A Memória Fragmentada e a Relação com o "Outro de Fora"

O senhor Samuel¹¹, 67 anos, funcionário público aposentado, não é um trabalhador migrante. Pelo contrário, é um nativo de Guariba que nunca saiu da cidade e viu suas reconfigurações a partir da migração nordestina intensificada na década de 70 do século XX. Como a maioria dos guaribenses nativos, o senhor Samuel não enxerga de forma positiva a migração para o trabalho no corte da cana, e a associa à criminalidade e degradação dos espaços públicos de sua cidade natal. Em seu mapa afetivo, o senhor Samuel desenhou o centro da cidade, e não quis lápis de cor, mas uma caneta esferográfica. Poucos e tremidos traços representam sua casa, a casa de sua vizinha, um antigo casarão onde eram feitos os bailes dos colonos italianos e a linha do trem, que termina em sua antiga estação. Ambos já não mais existiam na época em que o desenho foi confeccionado. Em seu mapa afetivo há também um curioso distanciamento entre o ponto que representa a sua casa e a periférica Vila Jordão, um bairro integralmente composto por migrantes nordestinos: sua casa está em um extremo do papel e a vila no outro extremo, sendo que, na metragem oficial, esta distância é de apenas quatro quarteirões. A distância entre a sua casa e outras casinhas que ele desenhou bem próximas

à sua é também de quatro quarteirões, evidenciando uma desproporcionalidade dos espaços representados. Mais uma vez, os espaços se apresentam instavelmente, neste caso deixando claro que os indivíduos se caracterizam essencialmente pelo grau de integração existente no tecido das relações sociais (HALBWACHS, 1990). O senhor Samuel rememorou as experiências vividas e compartilhadas entre aqueles que ele considera seus vizinhos. Como nunca estabeleceu nenhum grau de integração com os moradores da Vila Jordão, os “marginalizou” em um extremo do papel, denunciando com os espaços físicos da memória quais tipos de relações mantém com os diversos grupos sociais de Guariba.

Mapa 4: Guariba por Samuel



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2005 em Guariba - SP.

Quando percebeu a curiosidade que tive, em nossa conversa, sobre a greve de 84¹², o senhor Samuel fez um novo mapa afetivo, o qual representava as ruas do Bairro Alto, também integralmente composto por migrantes, tomadas pelas Tropas de Choque que vieram de cidades como Barretos - SP, Ribeirão Preto - SP e Jaboticabal - SP. Nestes traços, identifica a posição dos grevistas no desenho, que são homens e mulheres moradores de Guariba. No entanto, o senhor Samuel me pede para escrever em cima “invasores”, uma impressão dos grevistas que é compartilhada por todo o grupo nativo. As lembranças são sempre coletivas porque, em realidade, nunca estamos sós. Nossas ideias, pensamentos, lembranças e valores sempre têm uma perspectiva, uma relação com as experiências que obtivemos em contato com os Outros. Somos um eco, nos

identificamos com o pensamento dos outros, como se “já tivéssemos pensado nisso antes”. As nossas opiniões e sentimentos são muitas vezes a expressão dos acasos que nos colocaram em relação com grupos diversos ou opostos e as influências que estes têm, separadamente, exercido sobre nós. Quando cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. Por isso as lembranças surgem de acordo com os elementos transmitidos pelas outras pessoas que também viveram aquele momento: “Nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas” (HALBWACHS, 1990, p. 36). Ademais, é interessante notar que há na lembrança uma relação com os nossos interesses. Afinal, apenas nos lembramos daquilo que nos interessa lembrar.

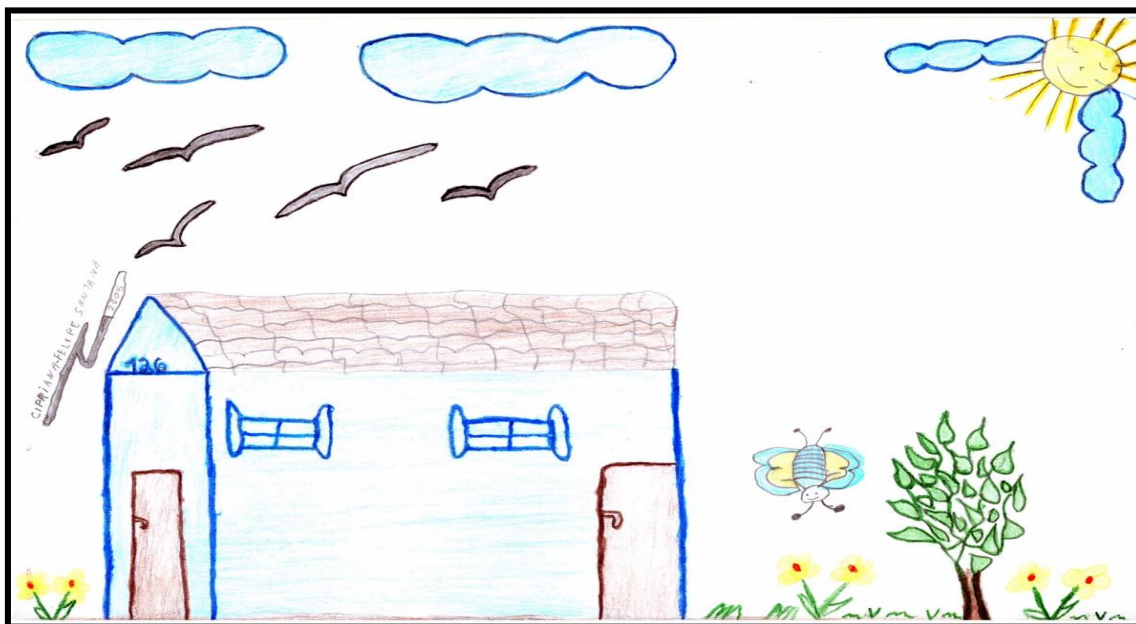
Fios e Redes da Memória: Recontando um tempo não vivido

Como em outras ocasiões que utilizamos os mapas afetivos como metodologia (VETTORASSI, 2006), estes também revelam quais são as memórias mais presentes nos entrevistados e, além disso, revelam que muito poucos são aqueles desenhos que retratam o tempo presente. Os espaços e os tempos são apresentados das formas mais diversas, mas em geral é o tempo passado o mais ilustrado. As relações com o “lado de fora” são também diferentes. Muitas são as casas e os elementos subjetivos, mas também muitos são os espaços societários, as instituições. De acordo com Moraes Silva,

[...] o desenho lida com os elementos do espaço e também dos tempos - passado, presente e futuro. Há uma simbiose entre os tempos, entre a observação (presente), a memória (passado) e a imaginação (futuro). No ato de desenhar, estão várias manifestações mentais, como imaginar, lembrar, sonhar, observar, associar, relacionar, simbolizar, representar (2007, p. 128).

Dona Cipriana, na época da entrevista¹³, ainda não estava aposentada e cortava oito toneladas de cana diariamente em plenos 58 anos de vida. Em seu mapa afetivo, desenhou a sua casa, de cores vivas e cercada de árvores e flores que na realidade não existem:

Mapa 5: Guariba por Dona Cipriana



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2005 em Guariba - SP.

Seu desenho tem traços infantis, como um sol sorridente entre nuvens e uma borboleta antropomórfica. No entanto, sua vida não tem estes mesmos traços infantis. Dona Cipriana sustenta uma extensa família, dentre os quais sua mãe de 101 anos e um filho de 13 anos que já é pai. Perdeu duas filhas, uma de 25 anos e outra de 19 que, de acordo com Dona Cipriana, “morreram de tristeza” cortando cana e que deixaram três filhos. Além disso, conta o profundo desespero que sofreu quando migrou para Guariba há mais de vinte e anos:

E como é que a senhora se sentiu quando deixou sua cidade?

Dona Cipriana, mineira, cortadora de cana - Ah, eu pensava nela, só ela [sua cidade, Araçuaí - MG]. Só queria saber de voltar pra lá. Eu, minha sogra, só chorava. Chorava com vontade de voltar pra lá, mas não podia. O dinheiro não dava, né? E as duas menina [suas filhas, que já morreram] que era de menor tava trabalhando, né? Eu falei ‘o certo é ficar aqui’. Lavei muita roupinha pros outro aqui, pra ganhar um tostão. *Mas então não foi fácil no começo?*

Dona Cipriana - Ah, pra mim não foi fácil, porque nem roupa eu tinha, ‘muié’! Dormia no chão... Me desculpe de ter que falar essas coisa, não sei se quer ouvir...

Imagina, pode falar!

Dona Cipriana - ...De papelão, filha! [fica emocionada] Dormia no papelão! Tinha gente que queria até meu filho, meu menino! Esse aí que tá deitado. Queriam tirar de mim, eu falei ‘eu não dou, esse menino é meu’. Passo em frente da casa dessa ‘muié’ até hoje, ainda.

E quais impressões a senhora teve da cidade?

Dona Cipriana - Ah, quando eu cheguei aqui eu queria voltar no outro dia. Pra mim era tudo estranho, tudo sujo.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória é ativa e psíquica, e não restitui um estado passado em sua total realidade porque seu ponto de apoio são as diferenças. Por isto a memória relaciona todo o tempo o presente com o futuro. O presente é recontado de acordo com o momento passado: quanto pior for o tempo passado, melhor será a reconstrução do tempo presente, e vice-versa. O momento passado revivido por Dona Cipriana é doloroso e traumático, e por isto o momento presente representado em seu mapa afetivo está cercado de flores, borboletas e outros elementos caracteristicamente infantis.

Aos poucos, como era de se esperar, Dona Cipriana se conformou e se acostumou. Teve a oportunidade de voltar para a sua terra natal, mas não quis. Hoje entende Guariba como seu ponto de chegada, e não mais como um possível ponto de partida:

Então a senhora acha que a sua situação financeira hoje é melhor?
Dona Cipriana - Pra mim é melhor porque eu tô trabalhando, né? Mas eu vejo que, assim, dá vontade de ter alguma coisa e ‘nós não tem’, né? Então ‘nós tem’ é que ficar quieto. Mas tem coisa boa aqui, porque todo mundo é bom... Tem gente que chega, traz um arroz, me ajuda. Ajuda ela [D. Dadá, sua mãe] também, né? Então por isso, pra mim, nem é tão muito ruim assim, que nem lá na minha terra [...] E eu tenho bastante amigo aqui, porque vem muita gente aqui em casa, né? E eu não sou de ir em casa dos outro, mas aqui vem bastante gente de fora. Eles gosta da gente, gosta dela [D. Dadá], gosta de mim. E a gente gosta de muita gente.

Os mapas afetivos, assim como os depoimentos daqueles que os constroem, recriam o passado e o estado atual de seus cotidianos de acordo com elementos do tempo presente e das relações que mantêm com os Outros. São nos espaços e nos lugares por eles representados que a tradição se estabelece, pois, embora timidamente e com oscilações e características múltiplas, a coesão e a integração são reproduzidas entre os grupos “de fora”. Afinal, nenhuma população se deixa deslocar sem resistência, sem levar consigo parte do que entende por *seu* grupo: Esses são os elos que mantêm vivas as redes sociais dos migrantes. É por isso significativo observar que as redes sociais diversas entre os grupos das duas cidades também estão presentes nos elementos subjetivos dos mapas afetivos. Nos desenhos de Guariba, a “cidade do café” é preservada e valorizada, e os bairros são ilustrados de formas segregadas. Em Serrana a “cidade da cana” se faz presente, e os espaços societários e de sociabilidade estão presentes tanto nos mapas dos “nativos” quanto dos “de fora”. Saliento o quanto os mapas afetivos foram importantes para que, numa etapa futura, o trabalho amadurecesse as constatações que fazia frente aos

elementos objetivos e subjetivos das duas cidades, como os dados demográficos e históricos, as entrevistas, as fotos e as observações proporcionadas pela etnografia.

Sob a perspectiva dos arquétipos, realidade é qualquer elemento que funciona para a vida psíquica. Assim, imaginação é também realidade. A imagem é um conceito ligado ao arquétipo, e imaginar não é igual a devaneio, a “sonhar acordado”. Imaginar é aceitar a visitação da imagem de acordo com aqueles elementos incorporados de sua sociedade, de seus grupos, da sequência de imagens que, em retrospectiva, podem ser a ‘imagem arquetípica’ de situações novas, ou velhas situações com novos valores. “O subjetivo também é real e, para além do subjetivo, o símbolo é real. Mesmo que só possa ser percebido por suas manifestações imagéticas” (MENEZES, F. L., 2007, p. 110).

A Relação dos Mapas Afetivos com a Dupla Verdade do Trabalho de Bourdieu

A relação com o trabalho é elemento fundamental para a compreensão das redes sociais e das identidades que os migrantes expõem em seus mapas afetivos.. Neste sentido, há uma *dupla verdade do trabalho*, uma relacionada à subjetividade e outra à objetividade do trabalho realizado pelos migrantes em São Paulo. Sobre a dupla verdade, Bourdieu menciona que:

De fato, o mundo social é um objeto de conhecimento para aqueles que dele fazem parte, os quais, nele abarcados, o compreendem, e o produzem, ainda que o façam a partir do ponto de vista que eles ocupam nele. Portanto, não se pode excluir o *percipere* e o *percipi*, o conhecer e o ser conhecido, o reconhecer e o ser reconhecido, que constituem o princípio das lutas pelo reconhecimento e pelo poder simbólico, ou seja, pela imposição dos princípios de divisão, de conhecimento e de reconhecimento. Mas tampouco se pode ignorar que, nas lutas propriamente políticas para modificar o mundo ao modificar as representações do mundo, os agentes assumem posições que, longe de serem intercambiáveis, como pretende o perspectivismo fenomenal, dependem sempre, na realidade, de sua posição no mundo social de que são o produto e o qual eles contribuem, no entanto, para produzir (2001, p. 230).

O fundamento do poder simbólico se cria, se acumula e se perpetua em virtude da comunicação, da troca simbólica. A comunicação converte relações de força bruta em relações duráveis de poder simbólico. O capital econômico passa a ser simbólico e dominação econômica passa a ser dependência pessoal. Ao refletir sobre a dupla verdade, Bourdieu menciona uma dupla verdade presente no trabalho, que é o investimento no trabalho propiciado pelo desconhecimento *da verdade objetiva do trabalho como*

exploração, que leva a encontrar no trabalho um ganho intrínseco, irredutível ao mero rendimento em dinheiro:

A experiência do trabalho se situa entre dois extremos, de um lado o trabalho forçado, determinado apenas pela coerção externa, e o trabalho escolástico, cujo limite é a atividade quase lúdica do artista ou do escritor: quanto mais afastamo-nos do primeiro, tanto menos se trabalha diretamente apenas por dinheiro e tanto mais o interesse do trabalho, a gratificação inerente ao fato de cumprir o trabalho se amplia - assim como o interesse ligado aos ganhos simbólicos associados ao nome da profissão ou ao estatuto profissional e à qualidade das relações de trabalho que frequentemente acompanham o interesse intrínseco pelo trabalho. É pelo fato de proporcionar, em si mesmo um ganho, que a perda do trabalho acarreta uma mutilação simbólica que se pode imputar tanto à perda do salário, como à perda das razões de ser associadas ao trabalho e ao mundo do trabalho (BOURDIEU, 2001, p. 247-248).

Bourdieu conclui que a verdade subjetiva está tanto mais afastada da verdade objetiva quanto maior é o domínio do trabalhador sobre seu trabalho. Além disso, o investimento no trabalho varia em razão inversa à coerção externa no trabalho. Enquanto isso, a “comunidade”, que se identifica muito mais com a identidade relacionada ao trabalho do que com uma “identidade migratória”, continua indo e vindo, se alojando em tantas outras cidades como Guariba e Serrana e executando aquele trabalho explorado que não desejam aos seus filhos.

Considerações Finais

Os mapas afetivos demonstraram ser uma importante ferramenta metodológica capaz de captar as subjetivas dimensões espaciais e temporais dos agentes entrevistados. Sabendo disso, desde o início da confecção deste estudo pareciam indispensáveis, visto que noções diferentes de espaços e tempos podem evidenciar um dos argumentos mais fortes de nossa tese: De que há acolhidas distintas nas cidades a partir de redes e espaços sociais diferenciados. Com os mapas afetivos, vimos como os próprios entrevistados veem a si mesmos e aos outros frente às muitas e negociadas identidades. Segundo os mapas afetivos, ou seja, do ponto de vista dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes, as redes mais integram que exploram e, geralmente, estas mesmas redes interferem no projeto de “voltar”, que é mais presente que o projeto de “ficar”. Além disso, observamos que os nativos também têm suas redes e suas visões particulares sobre os espaços e tempos de suas cidades. Os espaços e redes apresentados constituem o que é “seu por direito”, ou

seja, revelam identidades marcadas pela disputa e pelas transformações sofridas nas configurações de suas cidades.

Sob esta perspectiva, destacamos que as análises sobre identidades, especialmente as proporcionadas por Frederico Menezes (2007), construíram argumentos e fundamentação teórica capazes de articular as interpretações dos desenhos às demais interpretações da tese. Todos os desenhos vieram antes de boa parte das leituras e pesquisas quantitativas que fundamentam as análises que foram capazes a partir das interpretações dos mapas. A princípio, pareciam peças desconexas de um quebra-cabeça insolúvel. Aos poucos, se encaixaram às outras peças e delimitaram suas figurações. Ou seja, foram fundamentais para a construção do estudo e de suas principais conclusões. Por isso, são o ápice das dimensões subjetivas para a demonstração dos pontos de vista dos entrevistados e vão ao encontro dos outros elementos deste trabalho, já que são um achado adicional sobre o ponto de vista dos trabalhadores rurais referentes à dupla verdade das redes sociais e à construção da sua própria identidade.

Referências

- ANDRIOLLI, C. S. *Nas Entrelinhas da história, memória e gênero: lembranças da antiga fazenda Jatahy (1925-1959)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRANDÃO, C. R. Tempos e Espaços nos Mundos Rurais do Brasil. *Revista Ruris: Revista do Centro de Estudos Rurais, Campinas*, v. 1, n. 1, p. 37-64, 2007.
- BYINGTON, C. A. B. Jung: a psicologia analítica e o resgate do sagrado. *Revista Viver: mente & cérebro*, São Paulo, n. 2, p. 7-15, 2005.
- COVEZZI, M. *Lembranças do Porto: um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do porto de Cuiabá (1940-1970)*. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2000
- DANCINI, E. A. *O fantástico cotidiano das pessoas da Vila João de Barro – Guariba*. 1998. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1998.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- EXEMPLAR homenageia Nise da Silveira. *Quartênio: Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 88-105, 2001.
- FONTES, P. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 2008.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JAMES, D. Contos Narrados nas Fronteiras: A história de Doña Maria, história oral e questões de gênero. In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Org.). *Culturas de classe*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- JOAS, H. Interacionismo Ssimbólico. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). *La teoría social hoy*. Buenos Aires: Alianza, 1995.
- MARTINS, J. S. *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- MENEZES, F. L. Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: CUNHA, M. J. C. et al. (Org.). *Migração e identidade*. São Paulo: Centauro, 2007.
- MENEZES, M. A. *Redes e enredos na trilha dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: EDUFPPB, 2002.
- SILVA, M. A. M. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999a.
- _____. *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- _____. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Z.; TRUZZI, O. (Org.). *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos: EDUFSCar, 2005.
- _____. A família tal como ela é nos desenhos de crianças. *Revista Ruris: Revista do Centro de Estudos Rurais, Campinas*, v. 1, n. 1, p. 105-156, 2007.
- MOSCOVICI, S. *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PIRES, A. *Ruralidades em transformação: agricultores, caseiros e moradores de condomínio*. São Paulo: Anablume, 2007.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (parte I). *Revista Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 41, p. 45-73, 1997.
- TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.
- VETTORASSI, A. Vivendo e aprendendo a jogar: formas de sociabilidade entre migrantes temporários no interior paulista. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (Org.). *Travessias na desordem global: Fórum Social das Migrações*, São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Espaços divididos e silenciados: um estudo sobre as relações entre nativos e “de fora” de uma cidade do interior paulista*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- _____. *Laços de trabalho e redes dos migrantes: um estudo sobre as dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana - SP e Guariba - SP*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

Notas

¹ De acordo com o Censo do IBGE de 2013, Guariba tem 35.486 habitantes, e Serrana 38.878 habitantes.

² Estes preconceitos dizem respeito às suas condições econômicas, étnicas e de naturalidade. Maiores informações sobre redes sociais e os preconceitos relacionados a elas estão em Vettorassi (2006, 2010).

³ Além da definição de identidade apresentada por Sahlins (1997), foram utilizadas neste trabalho as definições de identidade apresentadas por Bourdieu (1989), Pollak (1992) e Elias e Scotson (2000).

⁴ No sentido de apenas descrever quais funções existem nas relações sociais entre os grupos, sem manifestar quaisquer questionamentos e críticas sobre as funções sociais estabelecidas e reproduzidas.

⁵ "Outros" são citados em maiúsculo para evidenciar seu caráter grupal e identitário. Estes "Outros" são representantes de diversas classes sociais e etnias, mas igualmente identificam a migração nordestina para o interior de São Paulo como algo negativo e que prejudica no âmbito social e econômico a estrutura das cidades que os recebem.

⁶ Agentes sob a perspectiva de Bourdieu (1989), que os compreende enquanto construtores ativos das relações que experimentam.

⁷ Teses, dissertações e pesquisas de outras naturezas, relacionados ao Laboratório de Memória e Sociedade (LMS), coordenado pela Profa. Dra. Maria Ap. de Moraes Silva, vêm aplicando este novo recurso metodológico em suas pesquisas de campo, à luz da história oral. A pesquisadora Moraes Silva foi fundamental durante o processo de escolha pelos mapas afetivos, sua aplicação e reflexão nos estudos ora apresentado. Dentre outros trabalhos orientados por ela e que usam os recursos dos mapas afetivos, estacamos os seguintes: Marinete Covezzi (*Lembranças do Porto: um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do porto de Cuiabá (1940-1970)*, 2000) e Carmen Silvia Andriolli (*Trabalho, Gênero e Memória: um estudo sobre a fazenda Jatahy/SP (1925-1959)*, 2006).

⁸ Todos os nomes foram alterados para preservação das identidades dos entrevistados. Todos os entrevistados receberam e assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) autorizando a gravação e reprodução de suas entrevistas e desenhos.

⁹ Entrevista realizada em 2009 na casa da entrevistada em Serrana e com o acompanhamento de sua mãe, que autorizou a entrevista e confecção do mapa afetivo.

¹⁰ Valdo e Neusa tinham, na época, 43 e 41 anos, respectivamente. A entrevista foi realizada no Piauí em 2007, na casa dos entrevistados.

¹¹ O depoimento do senhor Samuel foi colhido no dia 14 de junho de 2005, em sua casa, mas não foi gravado a pedido do entrevistado.

¹² Guariba passou por uma greve dos trabalhadores do setor sucroalcooleiro em 1984, que reivindicavam melhores condições de trabalho e de transporte às lavouras. Foi um marco significativo na cidade. Sempre pacata e pequena, Guariba se torna centro da mídia na época, especialmente após a morte de um morador da cidade durante conflitos dos trabalhadores grevistas com a polícia local. Esta greve impulsiona outras do setor que ocorrem nas mais diversas regiões do Brasil e até mesmo em Cuba. Após 1984, Guariba passa a ser estigmatizada na região como cidade violenta e com altos índices de criminalidade, mas estudos por mim realizados (VETORASSI, 2006) demonstram que os índices não comprovam estes estereótipos. Os migrantes, após este período, são ainda mais excluídos da convivência da cidade e passam constantemente por inúmeras discriminações.

¹³ Junho de 2005. Entrevista realizada na casa da entrevistada.

Artigo recebido em: 13/12/2013. Aprovado em: 15/01/2014.